

Após a Semana (e um pouco mais de) um século

Eduardo Jorge de Oliveira

Universität Zürich

• eduardo.jorge@rom.uzh.ch

André Masseno

Universität Zürich

• andre.masseno@rom.uzh.ch

doi [https://doi.org/10.34913/
journals/lingualugar.2022.e969](https://doi.org/10.34913/journals/lingualugar.2022.e969)

Há um pouco mais de cem anos – precisamente entre os dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922 –, um grupo de intelectuais e artistas se reuniram no Teatro Municipal de São Paulo para realizar a Semana de Arte Moderna. Neste ano de 2022, debates e discussões elucidam como todo um século foi mobilizado ao redor desse evento. No calor dos debates e das dezenas de publicações recentes relativas ao tema,¹ pode-se muito bem parafrasear o célebre clássico de John Reed, *Dez dias que abalaram o mundo* (2010), para afirmar que a Semana abalou o século, pondo à prova a cada década a crítica, os historiadores e outros artistas a depurar influências locais, rever os discursos historicamente construídos sobre e em torno do evento, quem participou ou quem não esteve presente, as fontes econômicas e mais recentemente as classes sociais e as questões de gênero do grupo participante.

¹ Sem sermos exaustivos, e atendo-nos ao mercado editorial, podemos citar a coletânea de artigos organizada por Gênese de Andrade (2022), os livros de José e Lucas de Nicola (2021), Leda Tenório da Motta (2022), a tradução da pesquisa de Rafael Cardoso para o português (2022) e a reedição do estudo de Márcia Camargos (2022) com um novo prefácio da autora.

Dos discursos nacionalistas à Antropofagia, a Semana levou pelo menos um século para ser montada, remontada, centralizada e descentralizada ao longo dos mais diversos processos de leitura. Marcos Antônio Gonçalves em *1922: A semana que não terminou* (2012), por exemplo, aborda na sua grande e histórica reportagem o espírito teatral daquelas noites entre gritos e vaias produzidos muitas vezes pelos próprios participantes – abordagem essa complementar à pesquisa documental de Frederico Coelho em *A semana sem fim* (2012), um livro importante para se entender os desdobramentos e as tramas discursivas fomentadas em torno daquele acontecimento interminável.

Conforme atesta o título deste dossiê, os artigos que o compõem apostam não propriamente numa abordagem exaustiva sobre a Semana, mas em leituras prospectivas de obras, momentos históricos e conceitos que produzem ressonâncias e tensões em torno do acontecimento, dado que aqueles dias se tornaram desde então um lugar incontornável para as discussões no âmbito da literatura e das artes no Brasil, sobretudo quando se assume uma dimensão mais política sobre quem foram os seus protagonistas. O dossiê convida a um entendimento da Semana para além de sua efeméride ao reunir um conjunto de análises que se debruçam sobre as produções – contemporâneas ou posteriores ao referido evento – de Tarsila do Amaral, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, assim como ao propor as intervenções do poeta Ricardo Chacal e do artista Denilson Baniwa, figurando-as nesta revista e de forma suplementar, isto é, para além das páginas do dossiê.

Outro material suplementar são as resenhas das obras incompletas de Oswald de Andrade, organizadas por Jorge Schwartz, e do *Diário confessional*, do mesmo autor. Editados em 2022, ambos marcam o efeito da presença de Oswald de Andrade não apenas como uma das figuras-chave da Semana, mas como um intelectual e escritor que seguiu agitando a cena política e cultural até seu silêncio involuntário em São Paulo nos anos 1950. Esse material contribui para o entendimento da Semana como uma dinâmica que envolve os mais diversos atores e que se compõe de uma multiplicidade de acontecimentos, reflexões e práticas. A Semana constitui, assim, um ponto radial de um país em ebulição pela modernidade e que permanece pleno de assimetrias.

O dossiê abre com a abordagem de Rafael Cardoso sobre a recepção da Semana de Arte Moderna e do modernismo paulistano no Rio de Janeiro, a então “capital do Brasil”, e como ambos foram tratados, entre 1921 e 1925, pela imprensa carioca e de ampla circulação nacional. Através da recuperação de matérias das principais revistas e jornais do período, o autor revela como o meio jornalístico carioca se posicionava no calor da hora modernista, ora com desimportância, ora sem conhecimento efetivo dos fatos e agentes da Semana, assim como do próprio modernismo. O material histórico coletado e meticulosamente analisado por Cardoso revela um processo de negociação permanente entre intelectuais e artistas, inclusive as disputas internas pela liderança do movimento, ao mesmo tempo que, na imprensa carioca, o lugar do protagonista viria a oscilar em diversos momentos. O artigo contribui para uma análise crítica não somente acerca dos recortes que o modernismo paulistano e a Semana receberam em seu momento imediato, mas também sobre as

leituras posteriores dadas ao evento, como, por exemplo, a de viés triunfalista e revolucionária que certa historiografia lhe passaria a conferir. A análise de Cardoso é um convite à reflexão acerca dos processos de construção da Semana em termos prospectivos, isto é, como um passado recuperado a fim de ser projetado no futuro. Nesse sentido, podemos inferir que a Semana não cessa de ser (re)fabricada.

Na sequência, o dossiê apresenta os artigos de Gonzalo Aguilar, Beatriz Azevedo e Alexandre Nodari, interessados pela abordagem do “Manifesto Antropófago”, de Oswald de Andrade e publicado em 1928, ou seja, seis anos após a Semana de Arte Moderna. Esse recorte contribui também para descentralizar o evento modernista, no sentido que ele pode ser também entendido como uma pré-história da Antropofagia oswaldiana, que por sua vez pode ser entrevista como uma espécie de rebento dissidente das premissas modernistas.

Gonzalo Aguilar opta por uma leitura reticular da proposta de corpo sinalizada em “Manifesto Antropófago”, e que põe os milagres da ciência no campo da genética e das transformações corporais à prova das vanguardas. Para isso, Aguilar recupera criticamente a trajetória do cirurgião russo Serge Voronoff, figura pública citada em diversas produções literárias, musicais e jornalísticas da época, inclusive no imaginário oswaldiano. Aguilar elucida como Oswald de Andrade retorce o pensamento colonial-patriarcal implícito nos procedimentos de Voronoff para ajustá-lo ao modelo matriarcal-bárbaro proposto pelo “Manifesto”. Com isso, evidencia-se como a vanguarda modernista repensava o corpo humano a partir de uma relação com a tecnologia e de uma ultrapassagem das fronteiras biológicas e de gênero. O corpo antropofágico, moderno/modernista e tecnizado, apontaria para roteiros de uma vida transformada em uma zona política, deixando de ser um terreno sagrado para converter-se em uma fisicalidade promíscua, onde o humano e vidas não-humanas se encontram.

Beatriz Azevedo propõe uma articulação dos textos de Mário de Andrade e Oswald de Andrade por meio de uma reflexão crítica fundada no perspectivismo ameríndio e no multiculturalismo, apontando ambos os escritores como transcriutores de tais pautas. Para isso, Azevedo concentra-se na abordagem de *Macunaíma* e do “Manifesto Antropófago”, precisamente na construção das figuras centrais destas obras – ou em suas “entidades”, conforme argumenta a autora: no personagem-título *Macunaíma* e no Antropófago, respectivamente. O artigo lança luz sobre a ressonância dessas figuras na cultura brasileira a ponto de se tornarem

emblemas do Brasil, embora Mário e Oswald fossem contrários a tal estatuto de essencialização de seus personagens como representantes do homem brasileiro e do caráter nacional. Isso sem contar a confusão criada na época em torno da atribuição da autoria das obras devido ao sobrenome semelhante, e a tensão vivida entre os escritores. A partir de uma abordagem palimpsesta, que agrega perspectivas aparentemente díspares, Azevedo avança não somente para destrinchar os meandros dos textos, cujos procedimentos estilísticos e éticos possuem mais afinidades do que divergências, mas também sobre a trama discursiva que ronda e constitui a recepção de tais obras, além de ressaltar a peculiaridade de sua cosmogonia ameríndia e a afirmação implícita de uma população complexa e heterogênea – um ponto extremamente relevante para se entender e problematizar o estado atual do momento brasileiro nos campos político, cultural e ético.

A contribuição de Alexandre Nodari parte de uma reflexão sobre quem é o sujeito que se enuncia de forma oblíqua no “Manifesto Antropófago”. Percorrendo a estrutura do formato manifesto e seu aspecto performativo, Nodari indaga acerca da multiplicidade de “nós” que figura no corpo do texto oswaldiano, ao mesmo tempo que desfaz o teor nacionalista e uma suposta delimitação identitária que foi sendo agregada ao “Manifesto” desde a sua publicação. O artigo oferece um detalhado recuo histórico para deslindar a formação etimológico-cultural de termos tão complexos e usados para designar povos não-europeus, tais como canibal e antropófago, para finalmente assinalar o “nós” do “Manifesto” como uma evocação oswaldiana à transformação dos expropriados em postura crítica e de resistência, invertendo o sinal pejorativo da denominação que lhe foi conferida. Assim, o antropófago oswaldiano revela-se como aquele que se manifesta como tal e que profere um discurso que busca conjugar o próprio com o outro, sem com isso se destituir do contato ativo com as tensões disparadas por esse jogo de relações. Nodari apresenta a potência imaginativa do escrito de Oswald de Andrade como uma encenação ritualística do emaranhamento entre “nós” e “vocês”, onde vozes e corpos retalhados de devoradores e devorados se confundem. Ademais, o “Manifesto Antropófago” também ressoa o “nós” da enunciação modernista, cujo discurso se situa em um terreno de disputa e (des)encontros entre o sentido da vanguarda, o aparentamento entre “nós” e “vocês” e uma ancestralidade reivindicada como sinal do futuro. No levantamento dessas e outras hipóteses acerca de quem é o “nós” no “Manifesto”, o artigo deixa evidente a força política do gesto enunciativo do antropófago como o outro do outro.

Cristiano de Sales e Tiago Hermano Breunig encerram o dossiê com uma análise sobre a poesia de Mário de Andrade, com especial ênfase às obras *Paulicéia desvairada* e *Lira Paulistana*. Os autores mergulham no projeto marioandradino para situar a cidade de São Paulo como elemento acionador de uma poética de um sonho contudo não realizado. Endossando a proposta de afinação do mundo de Murray Schafer, Sales e Breunig enfatizam a sensibilidade auditiva de Mário de Andrade para as transformações históricas da cidade de São Paulo. Nessa análise, o poeta canta, urra, reza. A figura aparentemente anacrônica do arlequim surge como um modo de lidar com a lírica dissonante da cidade em pleno desenvolvimento. Conjuntamente a esta recuperação da figura arlequinesca, o artigo promove ainda um olhar em direção ao diálogo de Mário de Andrade com o legado poético, apresentando uma interessante análise acerca da ressonância da tradição lírica das cantigas medievais na obra marioandradina. O artigo de Sales e Breunig lança luz sobre a importância do passado no seio da produção modernista, desviando-se assim de um entendimento das carpintarias poética e literária modernistas como meros resultados de uma suposta defesa de ruptura com o legado.

A Semana de Arte Moderna é um laboratório que dura mais de cem anos, movimentando as letras e as artes do país nas mais diversas direções. Portanto, as leitoras e leitores deste dossiê irão se deparar com a imagem implícita da Semana de Arte Moderna como um acontecimento cujas ressonâncias e fissuras estão presentes nas análises e reflexões fomentadas pelos artigos aqui publicados. Sem legitimá-la nos autos das letras brasileiras à imagem dos nacionalismos, a Semana é parte de um processo que até hoje encontra desdobramentos e motivos para ser revisitado e discutido. Permitindo-nos o uso do vocabulário antropofágico oswaldiano, podemos inferir que o Pau-Brasil e a Antropofagia são os dois “molares” mais resistentes e posteriores à Semana, sendo os dentes devoradores capazes de triturar as imagens conferidas ao evento modernista paulistano. E levando em consideração o amplo cardápio oferecido pelo debate atual, os próximos anos ainda produzirão novas “dentições” e, por conseguinte, outras formas de devorar e saborear aquele frutífero acontecimento.

Bibliografia

Andrade, G. (2022). *Modernismos 1922-2022*. São Paulo: Companhia das Letras.

Camargos, M. (2022). *Semana de 22: entre vaías e aplausos*. São Paulo: Boitempo [2002].

Cardoso, R. (2022). *Modernidade em preto e branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1840-1945*. São Paulo: Companhia das Letras.

Coelho, F. (2012). *A semana sem fim: celebrações e memória da Semana de Arte Moderna de 1922*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

Gonçalves, M. A. (2012). *1922: A semana que não terminou*. São Paulo: Companhia das Letras.

Motta, L. T. da. (2022). *Cem anos da Semana de Arte Moderna: o gabinete paulista e a conjuração das vanguardas*. São Paulo: Perspectiva.

Nicola, J. de. e Nicola, L. de. (2021). *Semana de 22: antes do começo, depois do fim*. Rio de Janeiro: Estação Brasil.

Reed, J. (2010). *Dez dias que abalaram o mundo*. Trad. Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras.